

Apontamentos...

Seguindo uma senda escabrosa, tem vindo um grupo de rapazes, alheios aos remos dos zóilos, espargindo os princípios socialistas revolucionários no seio da juventude operária.

O seu trabalho tem sido modesto, é certo, mas impregnado de lialdade, convicção e coerencia, traduzidas em todos os seus actos, como o demonstra a evidência dos factos e que são incontestáveis.

Ora, pois, o seu trabalho, aliás modesto, tem-se constatado verdadeiramente no campo económico, isto é, no terreno da luta sindical, quer procurando educar a juventude para a ingressar, lutando pela sua emancipação económica, quer fazendo accionar os já adestrados naquele terreno, de forma a criar um espirito de rebeldia consciente no operariado em geral, sem a qual jamais se realizará a sua emancipação.

E para isso organizou uma colectividade denominada *Nucleo Juventude Sindicalista do Porto*—idêntico procedimento tem sido seguido em diferentes terras do país—a qual sintetisa o que venho expondo, e também a difusão dos princípios anti-militaristas e internacionalistas, e do qual comemora hoje o seu primeiro aniversário.

Eis, portanto, um ano de canceiras, trabalhos e vontades pelo socialismo revolucionário!

Agora, que todos quantos tem vindo colaborando nessa obra, quer moral ou materialmente, saibam continua-la demovendo os escolhos... sinuosos que entorpecem a sua senda e então o seu triunfo será completo.

Eis o que urge fazer; embora sejamos açoitados pelas malquizações que os zóilos vão bimbando...

Haja, pois, acção e energia, amor e entusiasmo, pelos princípios, e a obra do *Nucleo* ir-se-á solidificando entre as gerações que brotam para lutar pela emancipação do proletariado.

MAGALHÃES JUNIOR

Quem ditará a paz?

Traduzimos do mensário *Freedom*, de Londres, número de fevereiro:

«O dia 4 de Fevereiro viu a conclusão dos primeiros seis meses de guerra. Desde agosto passado que a Europa nada num mar de sangue, tendo os seus povos sofrido indizíveis misérias e angústias, tanto os combatentes, como os não combatentes, tão sómente na Bélgica, mas em todos os países atingidos; e jamais se poderão avaliar as consequências morais que, para o mundo em geral, resultam desta recrudescencia de barbaria. Os farrapos de informação, cuidadosamente adulterados pela Secretaria da Imprensa, tendem apenas a levantar o estado de apreensão nervosa que substitui o entusiasmo e excitação das primeiras poucas semanas; e aquele que pensa a si mesmo pergunta agora se isto pode durar por muito mais tempo.

«Quanto a nós, confessamos que não vemos um raio sequer que nos leve a esperar o fim desta sangrenta história antes de outros seis meses. Uma coisa, porém, é certa: se a massa do povo continua inerte, como até aqui, contida pelos actos de repressão e regras despóticas, então a guerra continuará talvez, não por mais seis meses apenas, mas por mais dois ou até três anos. As classes governantes ditaram o programa e a política que precipitaram a guerra, mas são elas que menos tem tudo que sofrer.

«Os trabalhadores, que não tem direito algum senão a sofrer e pagar, podem ditar a hora em que a guerra deve acabar. Uma reclamação forte e enérgica, amparada naturalmente pela acção, pode preparar de tal modo a opinião pública em todos os países que o dia da paz virá quando eles quiserem.

Há já sinais de intranquilidade

e inquietação; as aterradoras listas de catástrofes, a crescente carestia da vida, a estagnação geral imposta á vida e ao progresso, tudo isso produz o seu efeito sobre o pensamento público; e mais tarde ou mais cedo, a tranquila submissão com que estas coisas são suportadas deve ceder o lugar á revolta activa, dirigida contra o militarismo e o Estado.

«Compete inteiramente aos trabalhadores alimentarem esta revolta latente, e uma vez que ela seja conscientemente manifestada, a guerra deve cessar, pois sem o assentimento do povo, expresso ou tácitamente dado, não é possível guerra alguma.»

O socialismo e a paz

Nota declaração da C. G. T., publicada em 2 de Fevereiro, lêem-se estas palavras:

«...Por mais ardente que em nós seja o desejo de restabelecer a paz entre os povos hoje beligerantes, não pode esquecer-nos que o território belga está quase inteiramente ocupado ainda e que os nossos departamentos do Norte e Leste se acham na mesma situação.»

Sim, mas a afirmação continua e simultânea, em todos os povos beligerantes, da vontade dum paz sem conquistas, como pede Liebknecht? Não poderia a C. G. T., como aquele deputado, apelar para a «solidariedade internacional da classe operária»? Não estaria no seu papel ter ainda e sempre confiança na acção directa e no internacionalismo? E se os acontecimentos da guerra viessem a facilitar-lhe a tarefa, semeando a revolta no seio do povo alemão—e dos outros—tanto melhor! A questão está em manter o seu papel específico e em apelar sempre, não para a vitória dum Estado, mas para a classe operária.

A declaração acrescenta: «Que por outro lado a da inviolabilidade independência dos povos é condição essencial do progresso social.»

Que espécie de independência é essa e quais são esses povos? Que não teria escrito B. kunine sobre esta frase de nacionalismo vago!

Dias depois, numa conferência nacional do partido socialista, o ministro Júlio Guesde proferiu estas palavras:

«E preciso que, alcançada a vitória, dela saibamos usar humanamente e dela façamos surgir uma nova Europa, baseada nas nacionalidades satisfeitas, não deixando mais lugar para antagonismos de raças, mas só para o antagonismo das classes, que só o socialismo triunfante deve e pode fazer desaparecer.»

Utopia democrática, pio, mes irrealizavel desejo em regime estatal e capitalista!

E' mesmo provável que desta guerra, seja qual for o resultado, provenham novas «questões nacionais», sem ser certo desaparecerem algumas das velhas.

Os antagonismos de raças e povos são, em boa parte, produtos políticos, instrumentos e meios de opprimir e explorar.

OPINIÃO DUMA FRANCESA

Atrocidades

Iniciou-se em França a publicação oficial das «atrocidades alemãs», com o que muitos se regozizam e alguns se inquietam, como eu. Parece-me inoportuna; e receio que, actualmente, só possa ter dois resultados: causar, ao menor recuo das nossas linhas, o pânico entre a população das regiões vizinhas do campo de batalha e incitar os nossos soldados, em caso de invasão da Alemanha a espantosas represálias.

Um pouco mais tardia, adiada para o fim das hostilidades, semelhante publicação poderia, pelo contrário, fazer bem... com a condição, porém, de lhe darem o seu verdadeiro carácter, de a apresentarem de modo, não a sobreexcitar os ódios internacio-

nais opondo o demónio germânico ao anjo francês, mas a inspirar por toda a parte um salutar terror do flagelo, que gera inevitavelmente tantos sofrimentos inúteis e crimes desonrosos.

Porque de tudo isso é a guerra em si e só a guerra a responsável; a guerra que, se por vezes exalta alguns bons sentimentos, desenvolve ainda mais e desencadeia todos os instintos brutais e grosseiros, tam penosamente re-freados, em tempo de paz, pela educação... e pela policia; a guerra que, empanando a consciencia dos melhores, transforma em bostas-feras os elementos duvidosos ou maus de que não podem limpar-se os grandes exércitos modernos.

O povo alemão não é mais bárbaro nem mais abjecto de que qualquer outro povo. O que fazem os seus soldados na Bélgica e em França não difere do que sempre fizeram os invasores no país invadido. E a guerra actual não se distingue das outras senão pela extensão da linha de fogo, pelo número de combatentes e pelo aperfeiçoamento dos engenhos de destruição.

Não é inaudito ser necessário exprimir estas verdades elementares? Não é inaudito que, ante a revelação dos assassinatos e violações, dos saques e incêndios, se vejam alemães a protestar e franceses admirados? Não é inaudito haver, nos dois povos, gente capaz de acreditar que uma guerra poderia ser não «atroz»?... Ah! insensates! insensates!... «deveria talvez escrever: criminosos!—pois temos todos os motivos para supor que essa gente foi dos que instigaram ao grande conflito, por ignorancia dos seus acompanhamentos abomináveis e das suas consequências desastrosas, com as quais vencedores e vencidos hão de ficar, infelizmente por muitissimo tempo, igualmente amachucados e dilacerados.

NELLY ROUSSEL

Sem ou contra os chefes

O *Labour Leader* publicou duas interessantes cartas de sociais-democratas alemães. Numa delas, diz Frantz Mehring:

«Para um membro do partido social-democrático alemão, é uma tarefa penosa escrever neste momento sobre a solidariedade do movimento operário internacional. Seria hipócrita negar que a maioria do nosso grupo parlamentar infligia a essa solidariedade a primeira e mais profunda ferida, se não talvez a única. Nem se pode encobrir tal facto com a tola afirmação de não ser a Internacional um instrumento eficaz em tempo de guerra, mas essencialmente um instrumento de paz. E' o mesmo que dizer que, num gládio, o essencial não é a lâmina, mas o punho.

«E', porém, enganadora a luz desfavorável na qual se mostra aos seus partidos irmãos dos outros países o partido social-democrático alemão. O que hoje sucede recorda a situação dos primeiros anos da lei de excepção contra os socialistas, época em que, como hoje, os chefes perderam a cabeça, ao passo que os simples militantes voltaram logo a si, tendo como lema: «com os chefes, se eles quiserem agir, sem os chefes, se eles ficarem inactivos, contra os chefes, se resistirem.»

«Este espirito fermenta já poderosamente em todos os grandes centros do partido na Alemanha—em Berlim, Hamburgo, Lipsia, Stuttgart—e não vem longe o dia em que será exigido pela classe operaria alemã o regresso á paz e aos princípios inabaláveis da Internacional, não só a golpes de frases sonoras, mas com a força veemente dum vontade retemperada em lutas de meio século.»

Essas lutas, os métodos delas, é que não nos parecem lá muito próprios para retemperar vontades...

No outra carta, diz Rosa Luxemburgo:

«A Internacional operária, sob os golpes mortais dos imperialistas, não justicou as esperanças nela postas: desabou vergonhosamente. Mas a sua maior vergonha é a attitude da secção alemã no Reichstag, a qual devia estar na vanguarda do exército proletário. E' preciso exprimir esta dolorosa verdade, não para provocar o desespero e a resignação, mas pelo contrário para que nos sirvam de lição as faltas cometidas no passado.

«Hoje, após varios meses de guerra, começa a perder efficacia a peçonha patriótica que tam violentemente actuou sobre os operários alemães. Que os chefes os abandonam, seja; mas de dia para dia cresce o número de operários que consideram com horror e vergonha tudo o que em volta deles se passa.»

Imperialismo socialista

Max Quark, deputado social-democratico alemão e director do *Volkszeitung*, de Francfort, declarou a alguns socialistas suíços, russos e franceses, em Genebra:

«—Não, camaradas, não da renegamos. O partido socialista alemão manteve-se consequente consigo próprio. De que se trata com effeito, que queremos e qual é o fim da nossa acção? Procuramos fazer triunfar o socialismo. Queremos o seu triunfo no nosso país primeiro, depois no resto do mundo. Esta marcha é lógica e necessária. A Alemanha, concordaria, é o país em que mais desenvolvido está o socialismo, em que elle se acha mais forte e bem organizado. Quase se pode dizer que, sem Alemanha, não haveria socialismo. A causa da Alemanha torna-se, pois, a causa mesma do socialismo. Abatida a Alemanha, seria um golpe terrível para o socialismo, um golpe de que talvez elle se não tornasse a levantar; seria, em todo caso, o seu advento retardado um século ou dois. Com a vitória da Alemanha, será pelo contrário uma difusão considerável da idea socialista pelo mundo, a affluencia de capitais a uma Alemanha dominadora da Europa, senhora de enormes colónias, e o aumento, em proporções incalculáveis, da sua industria já colossal, devendo isso abrir para o socialismo uma era de progressos enormes e constantes, que só poderão ir ter, num futuro próximo, ao seu próprio triunfo. A essa consideração deve ser subordinada qualquer outra. Ou o socialismo por meio da Alemanha, ou a morte do socialismo. Não há meio termo.

Sem dúvida, a Prússia dos *junkers* e dos *Mohenzollern* continua a ser para nós, socialistas, objecto de odio e de indefectivel desconfiança. E' lamentável que sejam esses homens quem haja assumido a iniciativa, tomado a direcção e dado o sentido desta guerra. Mas neste momento é pela Alemanha que elles trabalham, e indirectamente pelo socialismo. Queiram ou não queiram, esses homens são nossos aliados e nós somos aliados deles. Agora só há uma Alemanha.»

E' a idea já sustentada por Marx e Engels em 1870.

Deste lado, vê-se bem o absurdo de semelhante linguagem (que era, aliás, a de muitos socialistas pseudo-científicos hoje contrários ao imperialismo alemão e entusiastas pela vitória da democracia franco-russa); mas o pior é que muitas vezes a esse fatalismo se opõe outro, de outra espécie, e que a essas razões respondem razões de mesma natureza.

E todos guerreiam pelo socialismo!

Muito se hão-de rir as gerações vindouras! Anatole France, restabelecido da sua febre patriótica, ainda há-de empregar a sua fina ironia sobre as diversas justificações dos diversos graus de patriotismo envergonhado... Uma nova «Ilha dos Pingüins».

Coisas historicas

23 1913—Os tintureiros de Tarras (França) declaram-se em greve.

23 1911—Saí em Coimbra, o primeiro número de *A Vida Livre*, semanário anarquista.

24 1168—No meio da maior miséria, morre João Guttemberg, inventor da tipografia.

25 1914—Os officiaes e maquinistas da companhia de navegação «Messageries maritimes», regeitam a proposta de arbitragem do governo para solucionar a greve declarada no dia 19.

26 1802—Nasce em Besançon (França) o notavel poeta e escritor, Vitor Hugo. Os seus primeiros versos escritos aos 10 anos de idade, fizeram prever a grandesa do seu talento.

27 1905—A greve dos mineiros belgas, votada no dia 5, assume um caracter grave, havendo varios attentados.

28 1882—Chega a Gênebra (Suíça) a nihilista Bertina, evadida da Sibéria.

Centro e Biblioteca de Estudos Sociais

No proximo domingo, 6 de Março, pelas 15 horas (3 da tarde) effectua-se na sede deste Centro, á rua das Aulas, 218, uma festa literária—musical dedicada aos seus socios protectores.

Haverá, entre outras coisas, diversos recitativos por apreciados *diseurs* e varios trechos musicais por alguns membros da aplaudida *Troupe Musical 3 de Novembro*.

A entrada é franca.

Vida Anarquista

Propaganda Libertaria—Para a continuação dos trabalhos encetados, reúne hoje este grupo ás 20 horas. Espera-se que ninguém falte.

Rebeldião (Evora) Hoje, pelas 9 horas de manhã, reúne este grupo no local do costume, afim de se tratarem diversos assuntos de interesse para a propaganda. E' indispensavel a comparencia de todos os membros. Qualquer correspondencia deve ser enviada para Alvaro J. Diniz, rua de Lopo Serrão, 18—Evora.

União Anarquista C. R. S.—Na sua ultima reunião, o comité resolveu representar-se em todas as sessões e festas operárias e auxiliar o Nucleo J. Libertaria no seu movimento de protesto contra a carestia da vida.

Continuando com as suas sessões de propaganda doutrinária esta União devia ter realizado uma, na p. p. sexta-feira, na Secção da Construção Civil de Belém, em que fariam entre outros, os camaradas Manuel Campos, Fernando Gomes, Bernardino Santos, Artur Figueira e Adolfo Nunes.

E' estranhavel que alguns elementos que, quando se constituiu esta União, se prontificaram a concorrer com o seu exilio moral e material, não tenham dado accordo de si.

Tambem se resolveu fazer a maxima propaganda da caixa de auxilio aos camaradas perseguidos, cujo comité é composto pelos camaradas Antonio Machado, Fernando Gomes e Artur Figueira, e apelar novamente por todos os camaradas afim de enviarem quaisquer donativos para esta caixa de solidariedade; toda a correspondencia deve ser endereçada para a Travessa Agua de Flor, 55—1.º Lisboa.

Centro Instructivo de Propaganda Libertaria—Reúne amanhã pelas 20 horas para tratar de assuntos de interesse para a propaganda; ánda a reunião a camarada realizará uma conferencia. Espera-se que ninguém falte.

Recreio e Propaganda livre

Com este titulo, acaba de se fundar em Setubal um Centro cujo programa é: pugnar pelo progresso da Humanidade, estando sempre ao lado dos opprimidos pela acção capitalista e estatal; fazer propaganda anarquista pelo teatro, veladas, *pic nics*, tribuna, jornal, folhetos, etc, etc; propagar o neo-malthusianismo, afim de pôr cõbre ao crescimento da miséria na familia, evitando desta forma o aumento do militarismo e da prostruição, enfim moralisar e educar esta sociedade corrompida afim de a levantar ao grau a que tem jus. Toda a correspondencia deve ser enviada para a Rua Alvaro Castellões, 64—2.º E, Setubal. *A Comissão fundadora*

O «Centro Recreio e Propaganda Livre» vem por intermedio da «A Aurora» testemunhar o seu muito apreço do camarada Pinto Quartim, o intemerato director da «Terra Livre», pela forma activa como se portou, preferindo abandonar a familia e a região portuguesa, do que sujeitar-se ao jugo tirânico do governo de Afonso Costa.

E, por este «Centro» saber que o intemerato camarada chegou do Brazil no passado dia 24 do corrente, envia-lhe as suas mais calorosas saudações.

Setubal, 21 de Fevereiro de 1915
Centro e Biblioteca de Instrução Livre e Social

Travessa dos Arcos n.º 63
A Escola Dramatica «Aurora Livre» anexa a este Centro realiza hoje mais um sarau dramatico os episodios dramaticos «O ladrão», «Os dois operarios» e as comedias «Dois com juizo» e «Mercurio» (folha da tarde).

A entrada é por meio de convites.

Reabre amanhã a escola deste centro, que estava suspensa em virtude da mudança a que foi obrigado. A matricula está aberta todos os dias, das 19 e meia ás 22 horas.